



ADEMIR PASCALE ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2021
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS

Beijos de Caronte, por Álvaro de Azevedo, pág. 05
Lua branca, Lua preta, por Bruno M. Garcia, pág. 07
A escolha de Adão, por Icaro Uriel Brito França, pág. 15
Mármore, por José Manuel da Silva, pág. 22
O pássaro, por José Manuel da Silva, pág. 29
A ilusão da mordida, por Kátia Surreal, pág. 35
Renascimento das trevas, por Luan Kruczewski, pág. 38
Morto, por Luiz F. Haimi, pág. 41
Em nome do pai, por Malu Gouvêa, pág. 43
O pacto, por Michele da Silva Santos, pág. 50
O dia da partida, por Regiane Silva, pág. 55
A mestra sem carinho, por Roberto Sclima, pág. 59
Olho mágico, por Tatiya Poza, pág. 69
Os malditos, por Thaisa Yukari Hazaoka de Oliveira, pág. 73
Conheça outros títulos da coleção, pág. 79

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.instagram.com/revistaconexaoliteratura
www.facebook.com/conexaoliteratura





APRESENTAMOS O CONTO MÁRMORE

Por José Manuel da Silva

Sobre o autor: José Manuel da Silva é professor e tradutor há mais de 40 anos. Ministra aulas de Língua Inglesa, Linguística e Tradução em universidade particular. Traduz textos da área técnica. Possui formação em Engenharia Mecânica e Letras Português- Inglês, Mestrado em Linguística e Filologia Românica e especializações em Tradução e Educação a Distância. Escreve desde os anos 1970, principalmente poesia.

CONTOS ASSOMBROSOS III - ADEMIR FASCALÉ (ORG)

A praça era parte de sua rotina diária, após as aulas. Professor universitário, às sextas-feiras terminava por volta das dezolito horas, pegava o ônibus, saltava perto de casa, sentava-se em seu restaurante costumeiro, tomava sua primeira calprinha — o total sempre variava — pedia uma porção de provolone à milanesa — também a primeira de vórtis — atualizava-se pelo celular e ficava lendo algum livro até fechar o estabelecimento.

Muitas vezes, divagava, pensava em diversas coisas, escrevia, divagava novamente, pensava mais um pouco... Os garçons o conheciam como "o professor" e não mais estranhavam seu comportamento, visto que sempre consumia, tratava todos bem, conversava bastante e, a bem da verdade, aquela noite da semana não era tão movimentada assim. Ficar ali era um daqueles prazeres pelos quais pagamos como forma de relaxamento, de não ter um surto psicótico com a rotina de trabalho, estudo e, acima de tudo, do desgoverno do país. Gata de lá mais relaxado, andava até seu prédio, lia mais um pouco e dormia, pois sábado era dia de encontrar a namorada, que trabalhava em outra cidade e só chegava sábado pela manhã. Voltaremos a ela, feliz ou infelizmente, mais à frente.

O que nos interessa aqui é o local, ou melhor, um detalhe do local, mas calma, tudo a seu tempo. O restaurante ficava numa praça. A rigor, na esquina de uma rua que desembocava na praça. No centro da praça havia uma escultura em tamanho natural de uma mulher vestida com uma túnica transparente. Mármore. Tudo em estilo grego clássico. Suas pesquisas indicavam algo próximo ao século II a.C. Longilínea, seios médios perceptíveis sob a túnica, cabelos curtos, de uma beleza singela e sensual. Muito sensual. De onde se sentava no restaurante — tinha uma espécie de lugar cativo no local — via a estátua em toda sua plenitude; seu rosto estava voltado para o restaurante, e era como se o encarasse do ângulo de onde estava. Sorria para ele? Bem, voltaremos a isso também.

Já lhe dedicara alguns poemas, alguns amorosos, outros mais carnais. Era realmente uma bela obra de arte. E uma bela mulher.

Nesta noite, em particular, um dos garçons o surpreendeu admirando a estátua e interrompeu seus devaneios:

- Quem me dera ter uma mulher dessas.
- Ele sorriu e complementou:
- É... ela é bem bonita mesmo. — Ao que garçon prosseguiu:
- Será que ela existiu mesmo?

[21]

CONTOS ASSOMBROSOS III - ADEMIR FASCALÉ (ORG)

Quando ia responder ao garçon, senti uma pontada no cérebro e foi como se "ouvísse" algo como é claro que existiu. Atribuindo a "resposta" à bebida, disse:

— Pela inscrição que está lá, foi uma deusa grega, mas não dizem o nome. Já tirei uma foto, pesquisei e não encontrei nenhuma informação.

— Então deve ter sido invenção de quem construiu — concluiu o garçon, afastando-se.

Deusa grega porra nenhuma. Invenção é o caralho, ouvi nitidamente uma voz um tanto aspere de mulher "falando" em sua mente. Não bebia demais, mas aparentemente hoje já deveria ter exagerado; estava ouvindo vozes. Alucinação auditiva? Claro que não; sou eu mesmo, ouviu a mesma voz explicar.

Dormiu, constatando que definitivamente estava mais alto do que o comum. Pensou, brincahã: deve ser a estátua falando comigo. E ouviu imediatamente: é claro que sou eu; quem mais poderia ser?

Bem, algo incomum estava acontecendo, sem dúvida. Olhou para a estátua. Imóvel e impassível. Como sempre. Dando asas ao que reputo como algum efeito inebriante da bebida, deu prosseguimento à tal "conversa" interior: só para eu entender, a estátua está conversando comigo; é isso mesmo?

Sim, é isso mesmo. E pode me chamar de Sophia, com pé ágá. Era meu nome quando era viva.

As coisas estavam acontecendo rápido demais. Não se sentia alcoolizado, ainda estava de posse da razão, mas definitivamente algo estranho estava se passando. Enquanto tentava digerir mentalmente o que acontecia, "ouvei": você não queria conversar comigo?

Eu? — "ouvei-se" perguntando internamente.

Você mesmo. Está até em um dos seus poemas: "quem me dera poder conversar com tão bela mulher / saber o que a trouxe a esta cidade / saber sua idade / beijar esses lábios / do amor tão sábios". Já li coisas melhores, mas confesso que gostei. Me senti mulher.

Sobressaltou-se de tal modo que quase caiu da cadeira. Sim, eram versos de um poema de sua autoria, escrito para ela! Naquele mesmo lugar. Mas como é que você pode saber disso? — perguntou em pensamento.

O processo seria longo de explicar; quem sabe outro dia. Mas como sou a imagem de quem me fez, sabe-se lá onde me viuam, tenho vida. Não a vida que você conhece; de

[22]

CONTOS ASSOMBROSOS III - ADEMIR FASCALÉ (ORG)

outro tipo. Percebo tudo a meu redor. Sinto como sentia em vida. Reajo. Choro. Riso. Gozo. Mas tudo isso acontece aqui dentro da pedra. Faz tempo que sinto seu interesse em mim. Sempre que isso acontece, desenvolvo uma espécie de contato com a pessoa. Só que pouca gente se conecta. Você conseguiu. Parabéns. — E soltou uma gargalhada.

Então você sabe de tudo que já pensei sobre você? — indagou.

O que já pensei, o que já fez, aqui e fora daqui. Bem satisfeito você, se masturbando pensando em mim — outra gargalhada. — O contato é prolongado e inquebrável. Faz parte da magia — explicou ela.

Que magia?

É melhor você tomar mais um gole disso aí. Ou vários. Não sei se está preparado para o que vou contar.

Sem saber por quê, obedeceu. Alguns goles e o pedido de mais uma calprinha depois — bem forte! — pensou a ela: Vai, manda.

Essa merda aí embalado da estátua está errada. Não fui deusa coisa nenhuma. Fui sacerdotisa de uma sociedade secreta da Grécia. Éramos um grupo de mulheres que ajudavam outras mulheres. Hoje, aqui, vocês dizem que seríamos feministas. Mas a gente pegava pesado. Defendia as mulheres. E normalmente a gente matava os filhos da puta que sacaneavam elas. Elas vinha, pediam, a gente avaliava e tomava a decisão adequada. Naquele tempo, a força do pensamento era foda.

Você é bem desbocada para uma sacerdotisa — pegou-se pensando.

Isso é porque vocês agora endeusam as sacerdotisas. Éramos mulheres comuns, como qualquer outras. E voltando, antes que você comece a falar de deusas: essas porras nunca existiram; era tudo invenção pra movimentar as massas. A gente treinava pra agir a distância. Poder mental, somente.

Ele não pôde se furtar a concluir: magia negra.

Outro erro de interpretação, mas, como faz muito tempo, vou deixar passar. Chame do que quiser.

Depois daquela noite, as conversas continuaram ininterruptamente. No restaurante, na rua, no ônibus, no metrô, em casa, no banho, durante as aulas. O problema começou quando estava junto com sua namorada. Viram? Voltamos a ela.

Estivessem comendo, assistindo a filmes, cozinhando, no cinema, fosse onde fosse, Sophia se introneteia, dava palpites, comentava, xingava a namorada, elogiava, a ponto de ficar difícil para ele se controlar e não começar a conversar com ela (Sophia, claro). Mas o

[23]

divisor de águas aconteceu numa noite em que fizeram sexo (ele e a namorada, claro). Foi um sexo bom, intenso, cansativo e prazeroso. Ela (a namorada) acabou dormindo. Ele não. E foi quando a ouviu dizer (Sophia, claro): *foi bom mesmo, né?*

Muito. Nossa.

Comigo seria infinitamente melhor — disse Sophia.

Tá, como se a gente pudesse fazer sexo — admirou-se ele.

Poder, a gente pode, mas a relação entre o mármore e a carne tem custos. Você não estaria pronto para isso — disse ela.

Não deu prosseguimento à conversa, talvez por intuir algo perigoso na continuação, mas num outro dia voltaram ao assunto. Por incrível que pareça, ele estava afeiçoado à estátua, a conversa dela, a alguma coisa que não sabia explicar. A mulher que a estátua representava? Disse isso a Sophia. E disse também que gostava da namorada, que um dia, provavelmente, viveriam juntos, mas que estava dividido: fosse Sophia real, não teria dúvidas de com quem gostaria de passar o resto de sua vida. Pensou isso e ficou internamente, pois como poderia estar apaixonado — sim, estava! — por uma mulher de mármore.

Na verdade — contemporizou Sophia — não é bem assim. Nossa relação é real, só que não é física, concreta. Mas a relação existe, você sabe disso; sente isso.

Sim, sente.

De qualquer forma — continuou ela — isso pode ser arranjado. Se a sua namorada não existisse...

Na hora, não deu crédito a suas palavras.

Entretanto, surpreendeu-se ao receber o telefonema do hospital comunicando que sua namorada sofrera um acidente e não resistira aos ferimentos. A família já fora avisada e o velório seria no dia seguinte.

Imediatamente, "chamou" Sophia: *Cadê você? Foi você que fez isso? Que porra é essa?*

Ela era um estorvo. Estava nos atrapalhando, impedindo nosso amor.

Estava possesso: *Você é louca? Você é uma estátua! Não existe. Você só existe na minha cabeça. Devo estar louco por ficar conversando com você. E agora ela está morta. Você não teria poder para isso.*

Ah, mas poder eu tenho. Pra isso e muito mais. Podemos ficar juntos para sempre. Sei que você me ama. E você sabe que te amo igualmente. Você quer?

[20]

Não respondeu. Aquilo tudo já passara dos limites. Daria um basta naquelas "conversas" insanas.

Passou algumas semanas sem ir ao restaurante, evitava pensar em Sophia, e, coincidentemente, ela não se manifestara mais. Melhor assim. Sentia falta da namorada. Era uma boa companhia, tinham um bom relacionamento, uma boa conversa, sem falar no sexo, que sempre fora excelente. Pensava em sair com outras mulheres, mas evitava. Não queria substituir a namorada por qualquer mulher só por carência.

Certa noite, sem uma explicação plausível, chamou por Sophia: *youc está aqui?*

Sempre — ouviu a resposta.

Sempre?

Sempre. Em todos os lugares.

E por que não fala comigo? — perguntou ele, um tanto sentido.

Estava respeitando seu luto e seu silêncio.

Sinto a sua falta — confessou ele.

Eu sei. Eu também. Quería estar mais próxima.

Isso é possível? — indagou ele, duvidando das possibilidades.

Sim, é. Mas como já disse outras vezes, tem custos. Irrecuperáveis — explicou Sophia.

O amor, o verdadeiro amor, dizem, não tem limites nem explicações racionais. Talvez por isso voltaram ao assunto outras vezes (sim, as conversas já tinham voltado, intensas e prazerosas, a toda hora do dia e da noite, em qualquer lugar). Tinha um bom emprego, uma vida razoável, só não tinha mais a pessoa de quem gostava. Parecia estar pronto a desbravar mares novos e desconhecidos.

Então é possível ficarmos juntos? — perguntou um dia a Sophia.

Sim, é — respondeu ela.

Mas como seria isso? Vamos poder conversar? Interagir? E o sexo?

Sim — explicou ela — seria tudo como se estivéssemos juntos. Sensações, sentimentos, sons, tudo. E o sexo seria maravilhoso.

Isso é muita loucura.

Sim, é. Mas já foi feito antes.

Por você? — perguntou ele, com uma ponta de ciume.

Não, pois uma vez feito é por toda a eternidade. E eu nunca senti por ninguém o que sinto por você.

[21]

Durante anos tentaram explicar o aparecimento daquela estátua masculina ao lado da outra naquela praça. Estratégia de marketing de alguma empresa? Algo sobrenatural? Os garçons até hoje especulam sobre o paradeiro do "professor". As estátuas ítem, comentam, sabem de tudo. Mas ninguém vê. Nem ouve. Nem sente.





A princípio era somente um daqueles sons matinais bem-vindos quando se acordava. Um cantar dentre tantos outros em meio aos pássaros da região. Aos poucos, percebeu que era um canto diferente, mais, digamos, personalizado, embora não soubesse explicar muito bem o que isso queria dizer.

Mudara-se para um local afastado — longe da cidade, bastante isolado, quase roça — por diversos motivos: aposentara-se, cansara-se da chamada "cidade grande", a esposa morrera, os filhos estavam casados e tinham sua rotina... Resolveu viver o resto de sua vida mais isolado. Mas havia outro motivo, que nem mesmo ele admitia facilmente: queria fugir do passado.

E, sem saber muito bem explicar o porquê, o tal canto do pássaro trazia algumas coisas de volta à memória. Não sabia bem o que era, mas era um canto diferente, como se fosse dirigido a ele. Bobagem, provavelmente, mas era assim que se sentia quando acordava e o ouvia.

Certo dia, resolveu identificar o autor daquele canto peculiar. Assim que o ouviu, abriu a janela, sentou-se e ficou observando. Como se fora chamado, um pássaro colorido e de tamanho razoável pousou no peitoril. Encararam-se mutuamente por alguns segundos, e, embora não tivesse ainda emitido qualquer som, sabia que era ele. Por alguma razão inexplicável, perguntou ao pássaro: *então, é você?* A resposta foi o canto que já conhecia: um canto longo e melodioso, agradável, ao fim do qual pareceu-lhe ouvir algo como *sim, sou eu*.

Com a vida que levava, poucas coisas o espantavam, mas supor ter ouvido um pássaro falar era uma daquelas poucas coisas. Sem ter o que dizer, continuou olhando a ave, até que, agora distintamente, a ouviu dizer: *fazia tempo que o procurava; temos muito que conversar*.

Atônito, só conseguiu perguntar: *como assim?*

A resposta parecia vir diretamente ao cérebro. Talvez quem estivesse perto continuasse ouvindo o canto de um pássaro, tão somente, mas ele ouvia distintamente palavras, frases, discursos completos. Não havia dúvidas: o pássaro falava com ele. Tenha coisas a dizer, coisas de que você não vai gostar... Mas é a hora.

Hora de quê, ouviu-se perguntar em voz alta.

A resposta o fez levantar da cadeira e quase perder o equilíbrio: *hora de acertar as contas*.

[10]

Esta era a frase que usava invariavelmente ao começar um interrogatório em seus tempos de militar. Interrogatório naqueles tempos era um eufemismo para tortura, da qual poucos e poucas saíam vivos. Na melhor das hipóteses, saíam com sequelas físicas e emocionais. Viveram, dependendo do que se define como viver.

Exato, ouviu o pássaro continuar dentro de sua mente, vim cobrar todo o mal que você fez.

— Que mal? — ouviu-se perguntar, espantado. — Eu fazia o meu trabalho; defendia a pátria, a moral e os bons costumes.

Isso era o que você achava que fazia, continuou o pássaro, mesmo tendo sido advertido para estar fazendo o que não devia. Veja só.

Sem saber como aconteceu, viu imagens percorrerem seu cérebro, imagens de que outrora tinha orgulho, mas que agora lhe pareciam estranhas. Uma dúvida incômoda acometeu-o: e se eu estiver errado mesmo? Mas não podia ser; deveria estar alucinando.

Está, sempre esteve, interrompeu o pássaro, como se estivesse lendo seus pensamentos.

— Impossível, você é só um pássaro, estou ficando louco, deve ser a idade — disse em voz alta.

Será que sou mesmo só um pássaro?

E neste momento, o pássaro voou para dentro do quarto, pousou na cama e a transformação começou, para admiração do homem, que, incrédulo, tudo observava de pé, paralisado. No final, havia uma bela mulher nua, deitada de costas, pernas abertas, sorrindo e convidando o homem para que se deitasse sobre ela; agora vou te mostrar uma coisa que você nunca vai esquecer.

O horror o paralisou por inteiro: isso era o que costumava dizer quando o interrogatório chegava a um ponto crítico, antes de estuprar o corpo quase sem vida, homem ou mulher, ou antes de desferir o golpe final, sempre sangrento e doloroso. Curiosamente, lembrava-se agora: esses momentos sempre lhe davam uma ereção, ereção essa que precisava resolver com quem estava interrogando; era seu melhor gozo, sempre. Gozar e matar. Este era seu lema interior. Que ninguém conhecia.

A mulher sorria para ele, e notou que estava nu e com o pênis ereto. Como nos velhos tempos. Quis fugir, mas algo o atraía para aquela mulher. Enquanto a penetrava com fúria, passaram-lhe pela cabeça cenas das quais lembrava como se fosse hoje: estupro, sevícias, pancadas, choques elétricos, navalhadas, gritos horrendos de dor,

[11]

pedidos de perdão, súplicas, choros compulsivos, xingamentos, ofensas, tudo que lhe dava prazer naquele tempo. Sentiu saudades. Seu gozo foi de nostalgia. De satisfação. De dever cumprido. Ou não?...

Levanta, se conseguir, disse a mulher, com um sorriso atroz. Outra das frases que usava, antes de pedir a um subordinado para descartar o corpo sem vida. Não levantou. Não conseguiu. Só sentiu que seu corpo era picado, comido, retalhado pelo pássaro; não, por vários pássaros. Não havia mais mulher, só o bando de pássaros a devorá-lo. E, no peitoril, a ave que começara tudo aquilo.

Já sem forças, conseguiu perguntar:

— Quem é você, afinal?

Ah, já tive muitos nomes, respondeu o pássaro. Mas, na verdade, não sou ninguém; sou só você mesmo e tudo que fez. A conta sempre chega. Acompanhe.

A partir daí viu cenas que presenciara ou de que fora o autor. A cada cena, uma parte de sua carne era arrancada. Urrava de dor, pedía clemência. Em dado momento, o pássaro falou: *vai pedir pra parar? Não aguenta mais? Esperava mais de você. Mais expressões que usava para supliciar ainda mais seus torturados*.

Chegou ao ponto de ver sua filha sangrando, enquanto era possuída por diversos homens. Lembra dela? — perguntou-lhe o pássaro. — Você não sabe disso, mas sua mulher sabia de tudo. Por isso tirou a própria vida. Não conseguia conviver com você, a quem um dia chamou de marido.

Com essa revelação, que não era bem uma revelação, visto que suspeitava de tudo, chegou a verter algumas lágrimas. De culpa?

Você matou a própria filha, e sentiu prazer nisso.

— Ela estava no caminho errado — gritou para o pássaro. Ou para ninguém, caso alguém estivesse observando a cena.

E quem é você para falar de caminho certo ou errado? Você teve amantes, torturou, estuprou e matou, ou seja, tirou a vida de outros, roubou, achincalhava, desviou dinheiro, foi conivente com muita coisa de ruim, foi juiz e executor, desrespeitou as leis e fez justiça com as próprias mãos. Quem é você para falar de certo e errado? E lá tá igreja! Que tipo de religioso é você? Condenava os "diferentes", mas gozava com homens e mulheres. Infiltrado dores excruciantes. E crianças!

— E quem é você? — perguntou, irônico. — Deus?

[12]

Se fosse Deus, não estaria aqui. Teria coisas mais importantes para cuidar. Pessoas mais importantes para questionar. Não estaria cuidando do lixo humano. Pena que não temos tempo, mas gostaria muito de saber quem é esse Deus de quem você tanto falou em vida. Um ser bastante peculiar. Pelo menos pela sua interpretação.

— Então só pode ser o demônio.

Se você quiser... Mas tem certeza de saber quem é o verdadeiro demônio? Mesmo depois de rever tudo que fez? Quem é o demônio, sendo nós mesmos? Pense nisso nos poucos momentos que ainda restam. Que tal me chamar de consciência?

Ficou em silêncio, enquanto continuava a ser cruelmente devorado, pedaço a pedaço.

Ficou sem palavras?

Mais uma de suas frases nos áureos tempos.

Seu corpo já era um amontoado de pele rasgada, ossos perfurados e músculos estriados, mas, por algum motivo, ainda conseguia pensar. Pensar? Talvez algum reflexo condicionado do cérebro, nada mais.

Preciso te dizer uma última coisa. O tempo está acabando.

— O quê?

O que você está sentindo agora, a dor, essa dor lancinante, não é nada em comparação ao que está por vir. As últimas lembranças vão doer mais do que esse castigo físico. Até você morrer, você vai querer ter mais tempo.

— É mesmo? — perguntou, sarcástico.

Ah é, sim. A dor da dúvida é maior do que qualquer dor física. E quando se trata da dor de uma existência íntima, esta é ainda mais intensa. É insuportável. Mas você logo vai constatar isso.

De lhe perguntassem, não saberia dizer quanto tempo sofreu. Horas, dias, meses, anos, toda uma existência?

E aí? Cansou?

Conseguiu sorrir antes de morrer, ao ouvir a frase que usava para dizer aos corpos inertes que tinham razão de estarem ali onde os maltratara. Que fizeram por onde acabarem ali. Entretanto, morreu com dolorosa incerteza a respeito da validade de toda sua existência. Morreu em sofrimento. Morreu em dúvida. E morrer em dúvida é o pior castigo para quem errou em vida. A constatação do erro, ou do possível erro, é infinitamente mais dolorosa do que qualquer dor impingida ao corpo físico.

Quem estivesse por perto afirmaria que o pássaro sorriu neste momento. Absurdo, dizem. Mas foi assim.

Dias depois, os veículos de imprensa falariam do estranho caso do ex-torturador encontrado ensanguentado em sua própria cama, ao que tudo indicava, vítima de um bando de pássaros ralvosos, fato nunca visto naquela região. Nem os biólogos explicavam. Fato nunca visto por qualquer pessoa comum, evidentemente. Mas sempre existe alguém que já presenciou fatos que ninguém mais presenciará. Que ninguém mais saberá explicar.

Um sobrevivente dos anos de chumbo, que morava por perto, no entanto, ao ler o jornal, não pôde se furtar a comentar com a neta: conheci esse cara.

— Amigo seu, vô?

— Não. Só conheci de passagem — desviou ele. — Veja, minha neta, como o mundo dá voltas: ele estava tão próximo, e não precisei fazer nada...

— Como assim, vô?

— Nada, só aprenda isso: a conta sempre chega. Para um lado ou para o outro.

— Ih, vô, agora você começou a falar como sempre fala e ninguém entende. Vou pegar chocolate, quer?

— Quero.

O velho sorriu em sua cadeira de rodas, como se um fardo fosse retirado de suas costas. Olhou para a janela, já sabendo o que veria: o pássaro. Olharam-se em entendimento mútuo. O pássaro cantou, melodioso e pungente, como sempre.

O velho dirigiu seu pensamento ao pássaro: queria ser como você. Fazer o que você faz.

Quem sabe um dia — devolveu-lhe a ave. — Você ainda é movido pela vingança, compreensivelmente, e não pela justiça. Mas fique tranquilo, somos parceiros de jornada. Daqui em diante, você estará sempre a par do que eu fizer. Eu e meus amigos. Nossos amigos.

Depois que a neta voltou, enquanto degustava o chocolate, disse: o passarinho está de volta; e parece que só começou a trabalhar. A neta não entendeu, mas entenderia um dia.

